

GT 10 - Os Estudos Japoneses no Brasil: uma área em crescimento

A expulsão dos cristãos do Japão pelos olhos de um franciscano

Lígia Kaori Kondo ¹

Resumo: A presente pesquisa buscar analisar parte da querela missiológica travada entre franciscanos e jesuítas no Japão durante o “século cristão no Japão” (BOXER, 1951). Para tal, analisaremos uma obra escrita pelo franciscano Luis Sotelo, intitulada “Relación de la persecución de la religión cristiana en el Japón escrita por el beato Luis Sotelo”.

Palavras-chave: Missão católica japonesa; Franciscanos; Jesuítas; Luis Sotelo.

Abstract: This research seeks to analyze part of the missiological dispute between Franciscans and Jesuits in Japan during the "Christian Century in Japan" (BOXER, 1951). To this end, we will examine a work written by the Franciscan Luis Sotelo, titled “Relación de la persecución de la religión cristiana en el Japón escrita por el beato Luis Sotelo”.

Keywords: Japanese Catholic mission; Franciscans; Jesuits; Luis Sotelo.

1. INTRODUÇÃO

Visando a difusão do Evangelho pelo globo, a Companhia de Jesus iniciou seu processo missionário entre a segunda metade do século XVI e a primeira metade do século XVII. Nove anos após o reconhecimento oficial da Companhia de Jesus e seis anos após a chegada dos primeiros europeus no arquipélago japonês, os jesuítas chegaram ao Japão com o objetivo de espalhar a fé cristã no arquipélago e iniciaram a missão católica japonesa. A atuação dos jesuítas no Japão se dá de forma majoritariamente exclusiva até 1584, quando agostinianos e franciscanos chegaram ao arquipélago. Estes são sucedidos pelos dominicanos em 1587.

A chegada de outras ordens missionárias ao Japão dá início a uma intensa disputa pela missão católica japonesa. Esta foi desenvolvida através de uma expressiva produção de escritos que objetivavam defender os interesses dessas ordens no arquipélago.

Tendo em mente que as ordens missionárias tiveram uma grande influência global e que estes religiosos exerceram um grande impacto em questões culturais,

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense (UFF) e integrante do grupo de pesquisa Cia das Índias - Núcleo de História Ibérica e Colonial na Época Moderna. E-mail: ligiakondo@id.uff.br

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

políticas e econômicas dos Estados europeus e de outras regiões que tiveram contato com a ação dos missionários na época moderna, a presente pesquisa busca analisar parte da querela missiológica travada entre franciscanos e jesuítas no Japão. Para tal, analisaremos uma obra escrita pelo franciscano Luis Sotelo, intitulada “Relación de la persecución de la religión cristiana en el Japón escrita por el beato Luis Sotelo”.

2. AS ORDENS RELIGIOSAS CATÓLICAS NO JAPÃO

Os primeiros contatos entre japoneses e europeus, em território japonês, ocorreram em 1543 com a chegada de três mercadores portugueses à ilha de Tanegashima, localizada ao sul de Kyūshū (HENSHALL, 2004, p.43). Durante o desenvolvimento das primeiras relações entre japoneses e europeus, o Japão se encontrava em um período de guerra civil, denominado *Sengoku-Jidai*. Anteriormente a esses conflitos, o Japão era majoritariamente controlado pela figura do *Sei-taishōgun* ou *shōgun* – uma espécie de general regente do *bakufu*². Seu poder era legitimado pelo imperador japonês. Este último apenas detinha uma autoridade simbólica sendo considerado, desde o século XII, uma autoridade religiosa e principal ícone do *Shintō* ou Xintoísmo.

Em 1338 Ashikaga Takauji torna-se *shōgun* e os Ashikaga mantêm seu poder até 1573. Após a morte de Ashikaga Yoshimitsu em 1408, o poder do *shōgun* declina notavelmente e algumas de suas ordens passam a ser frequentemente ignoradas. Simultaneamente muitos *daimyō*³ ampliaram seus poderes e, em razão da falta de um governo centralizado, há um aumento dos conflitos entre esses governantes locais. Tais questões culminam na Guerra de Ōnin – instaurada em 1467 – e o conflito fragiliza profundamente o poder dos Ashikaga. Inicia-se, portanto, o *Sengoku-Jidai*, que se encerrou somente em 1560 com o início do processo de unificação do Japão, iniciado por Oda Nobunaga.

² Governo do *Sei-taishōgun* / *shōgun*. Nome japonês dado ao regime político iniciado em 1192, em que o governo do Japão passou pela cisão entre autoridade político-militar e espiritual. A autoridade espiritual coube ao Imperador enquanto o poder efetivo sobre o arquipélago ficou concentrado nas mãos do *shōgun*.

³ O termo *daimyō* significa literalmente “Grande nome”, referindo-se àqueles que detinham poder e influência sobre parte do território japonês. Por vezes, os *daimyō* eram samurai, soldados de elite.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

No decurso desse período da história japonesa, as relações com os europeus desenvolveram-se de forma intensa, sobretudo o comércio entre japoneses e portugueses. Desde o século XIII a costa chinesa sofria ataques constantes de *wako* – piratas japoneses – sendo estes intensificados durante o período Ming. Os assaltos eram frequentemente violentos e extremamente prejudiciais aos nativos. Como resultado de tais ataques, o comércio e as relações com o Japão foram proibidos sob pena de morte e os portugueses se aproveitaram da situação agindo como intermediadores no comércio entre a China e o Japão (BOXER, 1967, p.7-8).

O comércio com os portugueses foi alvo de grande desejo de muitos *daimyōs*. Este interesse pelo comércio foi um fato de extrema relevância para a ação missionária no Japão, visto que um dos fatores que levou alguns *daimyōs* à conversão ao cristianismo foi o interesse em adquirir produtos estrangeiros. Artigos decorativos, seda, armas de fogo, etc. eram trocados, majoritariamente, pela prata japonesa. Tal comércio era intermediado pelos jesuítas, que, no dia a dia, “acabavam interagindo mais com a população e com as elites locais do que os comerciantes” (LEÃO, 2013, p.8). Os jesuítas, portanto, tornaram-se figuras de grande relevância para o comércio estrangeiro com o Japão.

A atuação dos jesuítas no Japão ocorreu de forma majoritariamente exclusiva até 1584 com a chegada dos agostinianos e franciscanos ao arquipélago. Estes são sucedidos pelos dominicanos em 1587. A missão japonesa já era bem difundida pelos jesuítas através da publicação de suas cartas na Europa. Entretanto, apesar de ser bem conhecida pelos missionários europeus, esta iniciou-se e manteve-se sob direção do padroado português que, por sua vez, havia concedido a missão à Companhia de Jesus. Mesmo após o ano de 1580, quando ocorreu a União Ibérica, a situação não mudou – ao menos oficialmente – em razão das decisões tomadas nas Cortes de Tomar. Estas estipularam que a união entre as coroas era pessoal e que, portanto,

[...] os dois impérios coloniais deveriam continuar a ser administrados separadamente e completamente independentes um do outro como até então. Além disso, os privilégios do padroado português ou patronato religioso no Oriente, decorrentes de sedes de cunhos papais e bulas solenemente afirmando o direito da Coroa de Portugal à supervisão exclusiva

da atividade missionária na Ásia, foram também formalmente reconhecidos pelo monarca espanhol (BOXER, 1969, p.155).

O monopólio da missão japonesa pelos jesuítas se afirmou também através da publicação do breve “*Ex pastoralis officio*”, assinado por Gregório XIII em 1585. Este concedia aos jesuítas o controle da missão católica no Japão e determinava a proibição da entrada de missionários de quaisquer outras ordens no arquipélago. Apesar de tal proibição, missionários de outras ordens – em especial os franciscanos – continuaram a ir ao Japão com o interesse de se instalar na região. Os frades já se encontravam instalados nas Filipinas desde 1576 sob o comando da Coroa espanhola – cujos representantes se encontravam instalados no arquipélago desde 1565 – e, apesar dos primeiros franciscanos terem chegado ao Japão no ano de 1584, é somente a partir de 1592 que se iniciam esforços maiores para a instalação da ordem mendicante na terra do sol nascente.

A vinda destes missionários foi um fato de grande desaprovação pelos jesuítas, visto que defendiam “a importância estratégica de fazer a evangelização apenas por intermédio de uma só ordem religiosa e apenas através do padroado português” (FRANCO, 2007, p.212). Por outro lado, os franciscanos também eram fortemente contra o monopólio da missão pelos jesuítas. Segundo Renata Cabral Bernabé,

In first place, they argued that they were sent to Japan as ambassadors, not as missionaries. Furthermore, they had the duty to succor the Christian in Japan, since the Jesuits were being persecuted and could not take care of that Christendom. Realizing that those arguments were not enough, they began to disqualify the bull. It could not be considered valid because: first, the Padres were not truthful and got Gregorio XIII to issue it by misinforming him and sending some ordinary boys to Rome and telling they were princes; second, the Jesuits had temporal interests in Japan; third, other orders were never consulted about the matter; fourth, Japan was under Castile's demarcation not Portugal's; fifth, the brief was not presented at the Real Counsel of Spain; sixth, it was fraudulent since it was against the Christian Religion; and finally, because Sixto V's brief confirmed the privilege of the Franciscan order to act as delegates and preach all over the world and therefore that included Japan (2018, p.8).

A disputa entre as ordens permaneceu intensa durante o período em que os missionários permaneceram no arquipélago. Tal disputa foi armada a partir de uma extensa produção de escritos que circularam entre diferentes ordens religiosas com a finalidade de garantir o monopólio da missão católica japonesa. Iniciou-se, portanto, “uma verdadeira guerra de acusações entre as duas ordens, caracterizada pela

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

produção de relações, tratados e apologias, que foram enviadas à Europa (tanto à Santa Sé em Roma quanto à Corte de Felipe II)” (BERNABÉ, 2017, p.89).

3. LUIS SOTELO

É durante o período de disputas entre os inicianos e as ordens mendicantes que o franciscano Luis Sotelo chega ao Japão. Este foi uma figura central para tal disputa, visto que Sotelo era muito interessado pelo estabelecimento dos franciscanos no arquipélago. O franciscano agiu como mediador nas relações entre europeus e japoneses e teve contato próximo com alguns *daimyō* católicos e com os *shōgun* Tokugawa Ieyasu e Tokugawa Hidetada. No Japão, Sotelo aprendeu a língua local e propagou a fé católica por diversas regiões, chegando a fundar igrejas em áreas próximas às cidades de Fushimi, Osaka e Sakai (BARRON SOTO, 2014, p.52).

Luis Sotelo foi um franciscano nascido em 6 de setembro de 1574 na cidade de Sevilha. O sevilhano foi o segundo filho de D. Diego Caballero de Cabrera – veinticuatro de Sevilha⁴ – e Dona Catalina Niño Sotelo, sua esposa. Por parte de pai, Luis Sotelo era neto de Diego Caballero – também veinticuatro de Sevilha e marechal da ilha espanhola – e Leonor de Cabrera, sua esposa. Por parte de mãe, o franciscano era neto de D. Luís Sotelo – oficial de justiça da Inquisição – e Dona Isabel Pinelo, sua esposa (PÉREZ, 1924, p.10). Seu irmão, nomeado Diego – tal como seu pai – seguiu os passos de seu pai para, eventualmente, assumir o cargo de veinticuatro no conselho da cidade. Diferentemente de Diego, Luis Sotelo optou por seguir uma carreira religiosa na ordem dos franciscanos.

Membro da elite sevilhana, Luis Sotelo obteve desde a infância uma boa educação e iniciou seus estudos na Universidade de Salamanca. Sotelo, então, ingressou na Ordem dos Franciscanos Descalços e, em 11 de maio de 1594, tornou-se padre. Em junho de 1599, Sotelo foi enviado ao México. Em seguida foi encaminhado à Manila em 1601 e em, 20 de junho de 1603, chegou ao Japão pelas Ilhas Filipinas (TAKISAWA, 2009, p.7).

⁴ Cargo administrativo em corporações municipais de algumas cidades da Espanha durante o Antigo Regime.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

Luis Sotelo foi conduzido ao Japão juntamente com uma embaixada enviada pelo governador das Filipinas, Pedro Bravo de Acuña. A embaixada foi conduzida pelo franciscano Diego Bermeo e tinha como finalidade entregar uma resposta ao *shōgun* Tokugawa Ieyasu sobre sua proposta de acordo comercial com as Filipinas. Segundo Carlos Martínez Shaw:

El proyecto de Tokugawa Ieyasu consistía en ofrecer a las autoridades filipinas los puertos japoneses para que sirvieran de escala, refresco y feria mercantil a los barcos en ruta a Acapulco, pero a cambio los españoles debían consentir en el establecimiento de una línea comercial que uniera algún puerto de la región del Kantō (en la costa oriental de Honshū) con la plaza mexicana de Acapulco, de donde los japoneses pensaban obtener mercurio y pesos de plata españoles. Una línea que de hecho venía a duplicar la del Galeón de Manila (2016, p.75).

Entretanto, Acuña tinha planos diferentes do *shōgun* e a linha comercial entre Kantō e México não foi estabelecida.

Após entregar as cartas e os presentes enviados por Pedro Bravo de Acuña para Tokugawa Ieyasu, Luis Sotelo se fixou em Meaco⁵ – atual Kyoto – e se dedicou a aprender o idioma local. Durante o período em que esteve no Japão, Sotelo se aproximou do *daimyō* Date Masamune e elaborou juntamente à ele o projeto da terceira embaixada da era Keichō. Esta foi enviada à Europa em 1613 e teve o seu retorno em 1620. A embaixada foi liderada pelo embaixador japonês Tsunenaga Rokuemon Hasekura e composta por uma grande comitiva. Esta foi formada por samurais e serventes, totalizando 150 pessoas (SHAW, 2016, p.80). Por fim, a embaixada tinha como objetivo final encontrar-se com o governante de Portugal e Espanha e com o Papa para negociar questões de interesse religioso – por parte dos franciscanos – e econômico – por parte do *daimyō*. Sotelo planejou a embaixada visando obter o máximo de apoio para a pregação franciscana e a consolidação do cristianismo japonês (SHAW, 2016, p.80), entretanto, a instalação dos religiosos no arquipélago não se fez completa e duradoura, tendo em vista a publicação dos editos de expulsão dos católicos no Japão.

⁵ Optou-se pela escrita da palavra “Miyako” na forma como esta aparece na fonte primária utilizada nesta pesquisa.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

O envio desta embaixada foi documentado por Luis Sotelo na obra intitulada “Relación de la persecución de la religión cristiana en el Japón escrita por el beato Luis Sotelo”. Além do envio da embaixada japonesa, o franciscano também narra diversos acontecimentos ligados ao processo de expulsão dos cristãos no Japão. Tal relato se mostra de grande importância para compreender parte da querela missiológica travada entre franciscanos e jesuítas, visto que não se trata somente de uma descrição de eventos ocorridos durante o período de perseguição, mas também a transmissão de ideias políticas. Nesse caso específico, a narrativa de Sotelo tinha como objetivo contribuir na defesa pelos interesses dos franciscanos no arquipélago.

4. A ESCRITA FRANCISCANA

Durante os séculos XVI e XVII a escrita da história das missões católicas no Oriente concentrou-se majoritariamente na ação da Companhia de Jesus, em razão “do precoce esforço jesuítico de construção de uma memória e da propaganda dos feitos dessa congregação religiosa” (FARIA, 2012, p. 219). Entretanto, tal questão não significa a ausência completa da produção de escritos por outras ordens religiosas. É necessário destacar que longe de se articularem em torno de uma cultura essencialmente impressa, as sociedades deste período continuaram a recorrer indistintamente à oralidade, à imagem e à caligrafia como formas de comunicação, conhecimento e memória (BOUZA, 2002).

Há durante este período uma efervescência da literatura religiosa e identifica-se um crescimento da produção, tanto impressa quanto manuscrita, de diversas tipologias da literatura devota e edificante. Entre as ordens religiosas, houve um acentuado aumento do gênero crônístico. A crônica, segundo Federico Palomo,

[...] alcanzó una importancia considerable entre los siglos XVI-XVIII, constituyéndose como espacio privilegiado en el que las órdenes religiosas y otras instancias modularon la construcción de sus respectivos discursos históricos y de una memoria escrita, generalmente de carácter oficial (2014, p.22).

É interessante destacarmos que, apesar de ser um gênero literário utilizado por todas as ordens religiosas, a forma como eram escritas variava de acordo com a comunidade de discurso em que o cronista estava inserido. O relato crônístico

[...] podía llegar a tener una dimensión relativamente codificada en lo que a sus formas se refiere y su elaboración estuvo a menudo determinada por criterios de orden institucional que dejaban poco espacio para la autonomía y para una escritura al margen de las estructuras de la propia congregación. Capítulos y superiores designaban a menudo a los “cronistas” de la Orden o de la provincia, movilizaban recursos documentales y llegaban a supervisar una tarea que, en ocasiones, obedecía a motivaciones concretas — de orden político, espiritual, etc. —, viéndose además sujeta a formas de aprobación y censura internas” (PALOMO, 2016, p.516).

Segundo Merio Scattola (2017, p.561-579) uma comunidade de discurso pode ser definida por 2 características principais: o reconhecimento dos próprios indivíduos como componentes de uma mesma “comunidade científica” e o uso de um gênero literário comum pelos membros da comunidade de discurso. O reconhecimento dos indivíduos, segundo o autor, é feito através das citações:

[...] by mentioning an author, we recognize that his/her opinions are an important reference for us. In this sense, a community of discourse can also be called a ‘community of quotation’ and, as such, can be described by a particular ‘fingerprint’ of references, that is, a set of citations shared in the same proportion and in the same sequence by all members of a group. As they all actually acknowledge one another as worthy of being quoted and, at the same time, they refer to a set of common sources, the diagrams illustrating their preferences and showing whom they cite and how many times must be very similar and superimposable (SCATTOLA, 2017, p.561).

Já o uso de um gênero literário ocorre de forma que os membros da comunidade optam por utilizá-lo como uma espécie de “marca registrada” da comunidade de discurso. De acordo com Scattola, os gêneros literários utilizados na época moderna

[...] always contains a collection of questions and problems that pertain to its cultural heritage, and it also prescribes rules for arranging them in a particular sequence and attaining the desired solutions; it also commends a language and a particular style of discussion; and it admits or refuses the use of rhetoric, poetics, and dialectics. In brief, a literary genre, when used as a tool of scientific recognition, always defines a code of communication. Therefore, each community of discourse, when identifying itself with a particular literary genre, is necessarily characterized by a different way of communicating its conclusions, by a proprietary code, by a different scientific language (2017, p.562).

Seguindo tal definição, os franciscanos podem ser considerados uma comunidade de discurso devido a escolha do uso das crônicas como gênero literário comum e pela forma como escreviam suas crônicas. No caso dos franciscanos, as crônicas e hagiografias foram usadas mais expressivamente em relação aos outros gêneros literários, como as cartas e as relações. Por conseguinte, esta foi adotada

como gênero literário comum pelos franciscanos. Em relação a forma como as crônicas eram escritas, estas deveriam ser compostas por informações coletadas por outros franciscanos, ou seja, através da citação de informações. Segundo Palomo,

El juntar papeles, sin embargo, pasaba a menudo por el recurso a terceros — religiosos e, incluso, particulares — a los que se pedía que reuniesen puntuales informaciones, acudiendo ellos mismos a los cartórios y librerías existentes en los lugares donde residían. La tela de contactos que el cronista debía tejer solía ser relativamente extensa, pudiendo envolver a sujetos de otros reinos o, incluso, de las Indias. En este sentido, el religioso participaba en ocasiones de una singular república literaria de dimensiones planetarias, cuya configuración se vio incentivada por la propia naturaleza que encerraron las redes de casas, conventos y misiones de las distintas órdenes religiosas involucradas en la evangelización, contribuyendo a la circulación de la información entre las cuatro partes del mundo (2016, p.523).

Tais características podem ser observadas na “Relación de la persecución de la religión cristiana en el Japón escrita por el beato Luis Sotelo”, uma vez que esta foi escrita como fonte para a composição da crônica intitulada “Chronica de la Provincia de San Gregorio” escrita pelo franciscano Antonio de La Llave. Portanto, La Llave cita o relato de Luis Sotelo como fonte confiável de sua crônica.

5. RELACIÓN DE LA PERSECUCIÓN DE LA RELIGIÓN CRISTIANA EN EL JAPÓN ESCRITA POR EL BEATO LUIS SOTELO

Escrita pelo franciscano Luis Sotelo, a “Relación de la persecución de la religión cristiana en el Japón escrita por el beato Luis Sotelo” foi solicitada pelo franciscano Antonio de La Llave para compor a “Chronica de la Provincia de San Gregorio”. Esta foi a primeira crônica franciscana produzida em Manila e relatava a ação dos franciscanos nas Filipinas entre os anos 1520 e 1624.

É interessante notarmos que, apesar da crônica de La Llave se ater aos acontecimentos ocorridos nas Filipinas, o relato de Luis Sotelo sobre o Japão se encontra inserido em sua obra. Tal questão pode ser entendida como uma forma de publicizar a ação dos franciscanos no Japão sob o comando de seus superiores em Manila – uma vez que era de grande interesse dos franciscanos presentes nas Filipinas expandir sua ação para o arquipélago vizinho.

Como já foi mencionado anteriormente, os franciscanos viviam no Japão um momento de disputa com as outras ordens missionárias – em especial os jesuítas – logo, o relato de Sotelo se encaixa dentro da querela missiológica travada pelas ordens religiosas, uma vez que defendia os interesses dos franciscanos no arquipélago.

Em 1600, inicia-se o governo de Tokugawa Ieyasu e o processo de perseguição dos cristãos no Japão – instaurado por Toyotomi Hideyoshi em 1587 – é intensificado. Tal questão influenciou diretamente os relatos produzidos pelos missionários durante o período. Segundo Alexandra Curvelo e Ana Fernandes Pinto,

Ao longo do séc. XVII, o tema da nova atitude do regime Tokugawa, que transitara de condescendência para agressão, continuou a alimentar as tipografias ao serviço das ordens missionárias, que tinham trabalhado no Japão (e que procuravam a todo o custo aí manter a sua actividade, agora na clandestinidade), fazendo deste modo eco do impacto destas notícias na Europa. No contexto de expulsão dos missionários do Japão, após 1614, Macau e Manila mantiveram-se como duas referências da circulação de notícias e da representação pictórica da política persecutória dos Tokugawa (2009, p.156).

A obra de Luis Sotelo se encaixa no tema em voga durante o período, uma vez que trata da perseguição feita pelo governo dos Tokugawa aos católicos no arquipélago. Sua obra pode ser, portanto, dividida em 4 temáticas principais: o autor inicia seu relato com a descrição do incidente da Nau Madre de Deus (ou Nossa Senhora da Graça), relata a disputa entre os holandeses e espanhóis pelo comércio com o Japão, o envio da segunda embaixada da era Keichō e a perseguição e expulsão dos cristãos do Japão. Por fim, todas as temáticas estão relacionadas à defesa dos interesses dos franciscanos no Japão, como veremos a seguir.

Sotelo coloca o incidente da Nau Madre de Deus como o início da perseguição dos cristãos no Japão. O incidente ocorreu em 1609 quando a Nau portuguesa Madre de Deus, comandada pelo português André Pessoa, aportou em Nagasaki – na época o centro comercial português no Japão. Alguns meses antes, um junco japonês, sob o comando do capitão chinês Kyubei, também aportou na região. Kyubei havia sido enviado pelo *daimyō* Arima Harunobu ao reino de Champa – localizada na Península Indochinesa – para obter uma carga do precioso incenso chamado *kyara* e trazia o certificado de Ieyasu autorizando a viagem. Na viagem de regresso, o junco teve uma

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

estadia em Macau, onde entrou em conflito com a Nau Madre de Deus, resultando na morte de cerca de 40 japoneses. Como consequência do ocorrido, Tokugawa Hidetada – o então shōgun na época⁶ – ordenou o confisco da embarcação portuguesa e Arima Harunobu liderou o ataque à Madre de Deus como forma de vingança pela morte de sua tripulação japonesa (COOPER, 1971, p.77-78).

Embora o incidente tenha sido colocado como estopim da perseguição dos cristãos no Japão, a política de perseguição tem início muitos anos antes, mais especificamente em 1587. Em 24 de julho de 1587, Toyotomi Hideyoshi promulgou o primeiro édito de expulsão dos missionários do Japão, entretanto, ciente da importância dos jesuítas para a manutenção do comércio, não iniciou uma perseguição imediata aos cristãos. A morte de Hideyoshi em 1598 proporcionou um pequeno interregno na perseguição, entretanto, esta torna-se uma das bases do governo dos Tokugawa tendo em vista que ocorre a chegada dos holandeses ao arquipélago em 1600, e dos ingleses em 1613. A aproximação de outros comerciantes europeus e, conseqüentemente, a quebra do monopólio comercial português foram essenciais no processo de expulsão dos europeus do Japão, visto que os comerciantes portugueses e os missionários passaram a ser dispensáveis e substituíveis por outros comerciantes europeus – em especial os mercadores holandeses.

Tendo em mente tal questão, Sotelo coloca o incidente da Madre de Deus como estopim da perseguição objetivando colocar a culpa da perseguição dos portugueses e jesuítas. Visto que os portugueses eram cristãos, Sotelo afirma que Hidetada se virou contra os cristãos em razão do incidente. Esta questão pode ser observada no seguinte trecho:

[...] este mesmo año empeçó el demonio a revolver las cossas, assi entre los principales señores, corno entre los japones y portugueses; de suerte que por aver muerto en Macan los portugueses a más de quarenta japones, la parte de ellos pidió contra los portugueses de la nao de Macan y su Capitan, llamado Andrea Ome (Pessoa), ante el Emperador, el qual le invió a llamar, para que dicesse razon de si, y no queriendo ir, por tres vezes le invió saluoconducto; no se fió dél, y enfadado el Emperador, le dixo al Yacata⁷ de Arima, que, pues eran los portugueses xpianos, como el, y los xapones muertos en Macan, sus criados, alla se hubiese con ellos, que el hiziese lo que le pareziesse. Con esto, dio orden el don Juan Yacata de Arima [de]

⁶ Tokugawa Hidetada torna-se shōgun em 1605 após a abdicação de seu pai Tokugawa Iyeyasu.

⁷ Termo usado por Luis Sotelo para se referir ao termo *daimyō*.

cozerlos la nao y personas, y cercandola de muchas funeas con cantidad de japones, viendose enpeñado el dicho Capitán de la nao, y que no se podría hazer a la mar, y que parte de su gente tenia en tierra, baxose al pañol de la poluora y bolose juntamente con mucho numero de japones, así de los que la avian entrado, como de los que estavan a la redonda cricumuecinos (SOTELO apud PÉREZ, 1924, p.251-252). (grifo nosso)

Tal evento, segundo Sotelo, teria desagradado o *bugyō* (ou “governador”) de Nagasaki, Hasegawa Fujihiro, e como consequência, o *bugyō* teria aconselhado o *shōgun* a expulsar os jesuítas e favorecer os franciscanos no arquipélago, entregando as igrejas dos inacianos aos membros da ordem de São Francisco:

De aquí, el juez de Nangasaqui, Faxengaua Cafioye⁸, quedó disgustado con los Padres de la Compañía, y quando hallava ocasion, los desacreditava con el Emperador, diziendole que ellos eran los señores de Nangasaqui y de todo el comercio y no él, y que era grande su poder, y que si no lo ataxava y remediava con tiempo, que despues le seria muy dificultosso quererlos echar del reyno el Emperador, y que sus iglesias se diesen a los pobres religiosos de San Francisco; porque assi el mesmo juez, com el Emperador dezian, que no se metian mas que en las cosas de la salvación (SOTELO apud PÉREZ, 1924, p. 252).

Entretanto, é necessário ressaltar que os éditos de expulsão proclamados pelo clã Tokugawa não fizeram nenhuma distinção entre as ordens religiosas, logo o argumento de Sotelo teria sido colocado em seu relato apenas para defender a permanência dos franciscanos no Japão e combater o monopólio dos jesuítas da missão católica.

Em relação à disputa entre os holandeses e espanhóis pelo comércio com o Japão, Sotelo relata o envio de uma “falsa embaixada” holandesa ao Japão:

Esto fue hasta el año de 1612. Sucedio que los olandeses, este mismo año de 1612 traxeron una embaxada muy solemne al Emperador, diziendo era del rey Mauricio, y ofreciendole su amistad, y que si se adunaua con él, dentro de diez años; le haría señor de todas las Indias orientales y occidentales, dandole gente, nauios y bastiméntos, y él pondría artilleria, pilotos y gente de la mar. Hallose en esta ocasion el P. Fr. Luis Sotelo en la Corte del mesmo Emperador, y dixole cómo aquellos que dezian era rey Mauricio, no lo era, sino un Conde vasallo revelado del gran Rey de España, como tambien lo eran aquellos hombres, que de suyo eran piratas y hombres de mal hazer, y en quanto le ofrecían, le engañavan, por ser imposible el salir con ello, respeto del gran poder del Rey de España, con que tiene guardadas sus tierras y costas, y que era mejor tenerle por amigo a él, que no a sus vasallos revelados; pues quien no es fiel a su rey y natural señor, menos lo serian a él, que no era su amo y señor (SOTELO apud PÉREZ, 1924, p.254).

⁸ Hasegawa Fujihiro.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

Sotelo descreve os holandeses de forma muito negativa, chamando-os de piratas e “homens do mal”, e aproveita para alertar ao *shōgun* sobre os perigos que uma aliança com os holandeses poderia gerar. Entretanto, seu relato é um reflexo dos interesses dos espanhóis – mais especificamente os comerciantes espanhóis das Filipinas – no Japão. Durante o período em que Sotelo escrevia o seu relato, ocorria na Europa a Guerra dos Oitenta anos (ou a Revolta Holandesa), em que as Províncias Unidas se tornaram independentes da Espanha. A rivalidade gerada pelo conflito foi somada à rivalidade gerada pela disputa pelo comércio japonês, uma vez que os mercadores espanhóis das Filipinas tinham um enorme interesse em deter o monopólio das rotas comerciais da região e os holandeses haviam iniciado o comércio com a terra do sol nascente.

Luis Sotelo escreve defendendo o monarca espanhol e afirma que Tokugawa Hidetada havia recusado as propostas de aliança com os holandeses: “Oydas estas razones, los del Consejo del Emperador respondieron a los olandeses, que no se metieran en darles consejos, ni era mas que en sus tratos y contratos, y que si otra casa querían, que no bolviesen mas a Japón” (SOTELO apud PÉREZ, 1924, p.255), entretanto, a presença holandesa se tornou efetiva no Japão. Os holandeses, de forma diferente de seus rivais ibéricos, “compreenderam que o seu sucesso comercial no Japão dependia da anulação do protagonismo dos missionários junto das autoridades políticas, pelo que se empenharam ‘na destruição da Cristandade local ligada à Igreja Romana’”(CURVELO; PINTO, 2009, p.151) e, portanto, permaneceram fazendo comércio com o Japão até o ano de 1643, quando Tokugawa Iemitsu declarou a expulsão geral de todos os estrangeiros do arquipélago japonês, dando início a política de isolamento nacional, denominada *sakoku*.

Outro tópico também central ao relato de Luis Sotelo foi o envio da segunda embaixada da era Keichō. É interessante notarmos que este relato aparece como um relato edificante e propagandístico da ação dos franciscanos no Japão, visto que Sotelo apresenta a embaixada como um exemplo de sucesso da conversão de japoneses ao cristianismo. Nesse caso específico, Sotelo coloca a conversão do *daimyō* Date Masamune – uma figura com certo poder político e diferente da população comum – como uma prova do êxito dos franciscanos:

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

Este mesmo año de 1612 fue quando el rey de Voxu, Ydate Masamuve (sic), que despues del Emperador es el mas valeroso señor del Japon, por medio de una cura que hizo un religioso lego de la Orden de San Francisco, llamado Frai Francisco de Burguillos, en una su concubina, cobró gran amistad y comunicacion con el P. Frai Luis Sotelo, que era entonces superior en lo del Quauto y del Oriente, y con su licencia, fue el dicho religioso a su reino de Boxu, donde oyo las cosas de nuestra santa fee, e hiço tanta eficacia en él, que mandó, por edicto publico, que todos sus vasallos se bolviesen christianos, y mandó destruir mas de ochocientos ídolos de piedra antiquissimos, que eran tenidos en gran veneracion, y hizo quemar otra tera o templo sumtuoso, y a los que halló eran christianos, hombres principales, aumentó las rentas, y a los mas baxos, hizo otros favores, y siendo muchos los que se reduzian y baptizavan, sin parar de día ni de noche el religioso y los que le ayudavan, dixo al dicho Rey sería necesario, para conseguir su deseo de hazer a sus vasallos xpianos, dar parte al Padre universal y caveça de todos los xpianos del mundo, y pedirle sacerdotes (SOTELO apud PÉREZ, 1924, p.255). (grifo nosso)

O caso da segunda embaixada da era Keichō surge, portanto, como um argumento de Sotelo contra o monopólio da missão católica no Japão pelos jesuítas. Tal posição aparece em todo relato por meio de afirmações diretas de Sotelo sobre o direito dos franciscanos de propagarem a fé no Japão com a menção à bula *Apostolicae Sedis*. Publicada em junho de 1608, a bula autorizava a ida de missionários das ordens mendicantes ao Oriente, sem a necessidade de partirem de portos e em navios portugueses. E também por afirmações indiretas do franciscano, tais como as mortes dos cristãos perseguidos no Japão.

Em vários momentos de seu relato, Luis Sotelo menciona a perseguição feita aos religiosos e a morte dos perseguidos. Estes são colocados como mártires que morreram em nome da fé católica:

De allí a pocos meses, con achaque de que los xpianos hizieron una iglesia de paxa dentro del sitio de los leprosos, para enterrar los difuntos, se enojó com ellos el príncipe, hijo del Emperador, y mandó levantar persecución publica contra ellos, mandando que retrocedíessen de la fee; en la qual murieron degollados en vezes 26 iliustrissimos mártires; los quales, por espacio de mas de 13 días fueron atormentados, persuadidos y tentados con varios modos y astucias notables para que dexasen la fee (SOTELO apud PÉREZ, 1924, p.256).

O uso do martírio como propaganda não foi algo novo criado por Sotelo, visto que algo similar ocorreu com o episódio conhecido como o “Martírio dos franciscanos em Nagasaki”. Ocorrido em 5 de fevereiro de 1597, o “Martírio dos franciscanos” tratou-se da crucificação de 26 cristãos, 6 frades franciscanos, 3 jesuítas e 17 japoneses. As notícias sobre o martírio rapidamente se espalharam, chegando a

Macau, Filipinas, México e regiões da Europa. É interessante destacarmos que, apesar da presença de jesuítas entre os martirizados, muitas notícias produzidas pelos franciscanos relatam o evento sem os inacianos, de modo a destacar os missionários franciscanos como os únicos protagonistas do martírio (CURVELO; PINTO, 2009, p.155).

Por fim, o relato do martírio, além de edificante, também objetivava demonstrar o fracasso dos jesuítas no Japão, tendo em vista que estes estariam encarregados originalmente pela missão católica no arquipélago e, portanto, a perseguição sofrida pelos cristãos decorreria do insucesso dos inacianos em espalhar a fé católica corretamente no Japão.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início da “Relación de la persecución de la religión cristiana en el Japón escrita por el beato Luis Sotelo” o franciscano afirma que possuía 2 objetivos centrais que o levaram a escrever seu relato: “Para dos cosas puede servir; para hazer memoria del tiempo en que susçedio la persecucion y causas del hecho, o para sacar de todo alguna buena trama o comedia; a eso atendí mas que a otro fin” (SOTELO apud PÉREZ, 1924, p.250). Entretanto, a crônica de Sotelo está longe de ser um relato inocente que buscava apenas “hazer memoria” e gerar uma “buena trama o comedia”.

Sua obra foi escrita dentro do contexto de disputas entre as ordens religiosas, e nesse caso específico, no contexto de disputa pela missão católica no Japão. Os acontecimentos relatados pelo franciscano não podem ser entendidos como meras descrições de acontecimentos cotidianos, pois a seleção de episódios retratados e a forma como estes são descritos transmitem as ideias do autor. Luis Sotelo era um franciscano muito interessado pela atuação dos franciscanos no Japão e tal interesse se faz evidente em suas obras.

Por fim, tendo em vista quem escreveu a crônica, o contexto do relato e a forma como foi escrito, é necessário frisarmos que a obra de Luis Sotelo também comunica ideias políticas e, nesse caso específico, a crônica foi utilizada pelo franciscano como uma ferramenta política na querela missiológica entre franciscanos e jesuítas.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

BIBLIOGRAFIA

BARRON SOTO, Ma. Cristina E. A participação de Fray Luis Sotelo e dos japoneses da Missão Hasekura. **Bacia do México**, Guadalajara, v. 3, não. 7, pág. 43-65, agosto de 2014. Disponível em <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2007-53082014000200043&lng=es&nrm=iso>. acessado em 25 de fevereiro de 2023.

BERNABÉ, R. C.; MARINO, G. A chegada dos Franciscanos ao Japão e o início da querela missiológica. **Estudos Japoneses**, [S. l.], n. 37, p. 83-104, 2017. DOI: 10.11606/ej.v0i37.147828. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ej/article/view/147828>. Acesso em: 19 ago. 2022

BERNABÉ, Renata Cabral. The beginning of the dispute between Jesuits and Franciscans in Japan. **Eastern Asian Studies**, Yerevan, v. 3, n. 1, p. 5-27, Jan. 2018.

BOXER, Charles Ralph. **O império colonial português (1415-1825)**. Lisboa: Edições 70, 1969.

BOXER, Charles Ralph. **The Christian Century in Japan 1549-1650**. Los Angeles: University Of California Press, 1967.

COOPER, Michael (ed.). **The southern barbarians: the first Europeans in Japan**. Tokyo: Kodansha, 1971.

CURVELO, Alexandra e PINTO, Ana Fernandes. O martírio de Cristãos no Japão: uma estratégia dos Tokugawa. **Revista Lusófona de Ciências das Religiões**, n.15, Ano VIII, 2009, pp.147-159.

FARIA, Patrícia Souza de. Literatura espiritual e história dos franciscanos no Oriente Português: a escrita de Jacinto de Deus, um frade nascido na Cidade do Nome de Deus de Macau. **Locus: Revista de História**, [S. l.], v. 17, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20335>. Acesso em: 8 set. 2022.

Fernando Bouza, **Comunicação, conhecimento e memória na Espanha dos séculos XVI e XVII**, tradução de Ângela Barreto Xavier, *Cultura*, Lisboa, 2002.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

FRANCO, José Eduardo. Jesuítas e franciscanos perante as culturas e as religiões do Extremo Oriente: o caso da Apologia do Japão e a dramática missão das Ilhas do Sol Nascente, **História Unisinos**, v. 11, n. 2, 2007.

HENSHALL, Kenneth G. **A history of Japan**: from stone age to superpower. 2. ed. New York: Palgrave Macmillan, 2004.

LEÃO, Jorge Henrique Cardoso Leão. Mercadores portugueses e jesuítas no Japão no século 16. In: PINTO, Luciano Rocha (org). **História Revistas**: sobre instituições, corpos e 'almas'. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2013.

PALOMO, Federico. Introducción. Clero y cultura escrita en el mundo ibérico de la Edad Moderna. **Cuadernos de Historia Moderna**, Anexo XIII (2014), p. 11-26.

PALOMO, Federico. Memoria, cultura manuscrita y oralidad en la crónica franciscana portuguesa de la Edad Moderna. **Tempo**, Niterói, v. 22, n. 41, p. 509-532, set. 2016.

SCATTOLA, Merio. Natural Law Part I: The Catholic Tradition. In: LAGERLUND, Henrik; HILL, Benjamin (ed.). **The Routledge Companion to Sixteenth-Century Philosophy**. [S.l.]: Routledge, 2017. p. 561-579.

SHAW, Carlos Martínez. España y Japón en el siglo XVII: las dos embajadas de la era Keichō (1596-1615). **Tempus: Revista en Historia General**, Medellín, n. 4, p. 72-90, set. 2016.

SOTELO, Luis. Relación de la persecución de la religión cristiana en el Japón escrita por el beato Luis Sotelo. In: PÉREZ, L. **Apostolado y martirio del beato Luis Sotelo en el Japón**. Madrid: Imprenta Hispánica, 1924.

TAKISAWA, Osami. La delegación diplomática enviada a Roma por el señor feudal japonés Date Masamune. Granada: **Archivo de la Frontera**, 2009.